

'A (Nova) Jerusalém Celeste' (Ap 21,9 – 22,5): sobre a Cidade Escatológica: uma 'topografia da Salvação' na tradição joanina no Livro do Apocalipse de São João

*'The (New) Heavenly Jerusalem' (Rev. 21.9 – 22.5):
about the Eschatological City: a 'topography of the
salvation' in the Johannine Tradition in the Book of
Revelation of Saint John*

Pedro Paulo Alves dos Santos

Resumo

Nos capítulos 21,9–22,5 do livro do Apocalipse, a pregação da visão chega ao seu auge na imagem que envolve tanto a Igreja como a Humanidade. O casamento fora já previsto e está por começar e por isso surge a visão da esposa do cordeiro. A salvação humana, segundo a antiga tradição profética do Antigo Testamento, prevê uma íntima união entre Deus e o seus eleitos. De um lado, a visão da purificação pela dor, pelo combate, pelo martírio; do outro, o conforto, uma realidade nova desce de Deus. A Nova Cidade, Jerusalém, é ao mesmo tempo a Igreja e toda e a Humanidade. Como Sacramento, é a Igreja/Cidade, em suas ruas, muros e, sobretudo em sua *πλατεία* (a praça), o lugar em que se reúnem os justos resgatados sob a claridade Divina, do Dia sem Ocaso, o Sol dominical, que é Cristo, tendo os Doze, como sedes de Justiça, Julgamento e Testemunho.

Palavras-chave: Apocalipse. Jerusalém celeste. Teologia bíblica. Exegese do Novo Testamento.

Abstract

In chapters 21.9 to 22.5 of the Book of Revelation, the preaching of vision reaches its zenith in the image involving both the Church and humanity. The wedding had been already planned and is about to begin and so comes the vision of the Lamb's wife. Human salvation, according to the ancient prophetic tradition of the Old Testament provides an intimate union between God and his chosen ones. On the one hand, the vision of purification by pain, by fighting, by martyrdom, on the other, comfort, a new reality comes down from God. The New City, Jerusalem is both the Church and all humanity. As Sacrament is the Church/City, in its streets, walls and especially in his (the square) the place where we gather the righteous rescued under the Divine light, on the Day without End, on the Sunday Sun, which is Christ, and have the twelve, as Justice headquarters, Trial and Testimonies.

Keywords: Apocalypse. Heavenly Jerusalem. Biblical Theology. New Testament exegesis.

1. O Livro do Apocalipse: uma breve introdução panorâmica

Ἀποκάλυψις Ἰησοῦ Χριστοῦ ἣν ἔδωκεν αὐτῷ ὁ θεὸς δεῖξαι τοῖς δούλοις αὐτοῦ ἃ δεῖ γενέσθαι ἐν τάχει, καὶ ἐσήμανεν ἀποστείλας διὰ τοῦ ἀγγέλου αὐτοῦ τῷ δούλῳ αὐτοῦ Ἰωάννῃ.¹ No contexto da introdução do Livro, trata-se de uma elaboração literária: Ἀποκάλυψις Ἰησοῦ Χριστοῦ. Isto suporta tanto uma significação histórica como uma formal, pois este livro exhibe a quase totalidade das chamadas características deste gênero (pseudonomia é uma verdadeira exceção). Os dois primeiros versículos contêm a estrutura narrativa do gênero: a revelação é dada por Deus (ὁ θεός) através de um mediador sobrenatural (διὰ τοῦ ἀγγέλου αὐτοῦ) ao vidente humano (τῷ δούλῳ αὐτοῦ Ἰωάννῃ), desvelando eventos futuros (ἃ δεῖ γενέσθαι ἐν τάχει). O v.3 - (μακάριος ὁ ἀναγινώσκων καὶ οἱ ἀκούοντες τοὺς λόγους τῆς προφητείας καὶ τηροῦντες τὰ ἐν αὐτῇ γεγραμμένα, ὁ γὰρ καιρὸς ἐγγύς) contém um outro elemento comum nos apocalipses, uma advertência!

Vê-se que, se de um lado, existem várias características literárias, como visões, pequenas cartas e proclamações, doxologias, cânticos de vitória e

¹ Ap. 1,1: 'Revelação de Jesus Cristo, a qual Deus lhe deu, para mostrar aos seus servos as coisas que brevemente devem acontecer; e pelo seu anjo as enviou, e as notificou a João seu servo'.

bênçãos, de outro a ênfase está sob a experiência do Vidente de Patmos². Mas sobre a tensão entre o espacial e temporal, encontramos na literatura apocalíptica joanina uma conjugação particular e interessante. Esta distinção entre o aspecto temporal e o espacial reflete-se no fato que, enquanto a perspectiva escatológica tem suas raízes da profecia, é de central importância nos apocalipses judaicos e cristãos³.

1.1. Estrutura Literária do Apocalipse

Dentre as muitas propostas de estruturação ou organização literária do Apocalipse existentes⁴, seguiremos aquela do (nosso) Mestre,

² ROWLEY, H. H. *A Importância da Literatura apocalíptica*. São Paulo: Paulinas, 1980, p. 13: “*Que a linguagem apocalíptica é o embrião da profecia, mas diversa dela, dificilmente pode ser contestado*”; BOGAERT, P.-M. “Les Apocalypses contemporaines de Baruch, Esdras et Jean”. In: LAMBRECHT, J. “L’Apocalypse johannique et l’Apocalyptique dans le Nouveau Testament”. *BETHEL* 53 (1979), pp. 47-68. Sobre a origem da apocalíptica, tanto Judaica (Henoc e Esdras), oriunda da indiscutível influência do Livro de Daniel, e portanto da escatologia profética, afirma Bogaert, p. 48: “*il est plus efficient de considérer que les trois ouvres constituant, au moins en partie, des relectures de Daniel dans lesquelles le royaume ultime est lieu d’insertion des traditions messianiques développées à partir d’autres lieux scripturaires.*” E ainda, p. 56 “*Implicite ou explicite, la référence à Daniel constitue un des traits les plus certains de la littérature apocalyptique d’origine.*”

³ Uma erudita pesquisa sobre a literatura apocalíptica na era Cristã: DANIELOU, J. “L’Apocalyptique Judéo-chrétienne”. In: DANIELOU, J. *Theologie du Judéo-Christianisme*. 10ª ed. Paris: Desclée/Cerf, 1991, pp. 165-199.

⁴ Na Exegese bíblica não é mister encontrar consensos sobre a estruturação dos Livros bíblicos, na maior parte, encontra-se concordância apenas sobre alguns aspectos: SWEET, J. *Revelation*. London: SCM and Philadelphia / Trinity Press International, 1990; VANNI, U. *Apocalisse*. Bologna: EDB, 1991; OSBORNE, G. R. *Revelation*. Grand Rapids: Baker, 2002; LOHMEYER, E. *Die Offenbarung des Johannes*. Tübingen: J. C. B. Mohr (Paul Siebeck), 1953; BONSIRVEN, J. *L’Apocalypse de Saint Jean*. Paris: Beauchesne, 1951; BRÜTSCH, Ch. *La Clarté de l’Apocalypse*. Genève: Labor et Fides, 1966; BRÜTSCH, Ch. *Die Offenbarung Jesu Christ: Johannes-Apokalypse*. 2ª Ed. Zürich: Zwingli Verlag, 1970; CAIRD, G. B. *A Commentary on the Revelation of St. John the Divine* (Harper’s New Testament commentaries). New York: Harper, 1966; ALLO, E.-B. *Saint Jean. L’Apocalypse*, Paris: Gabalda, 1921; BEALE, G. K. *The Book of Revelation*. NIGTC. Michigan/Cambridge: Grand Rapids / W. Eerdmans, 1999; BIGUZZI, G. *Apocalisse*. 3ª ed. Milano: Paoline, 2013, BIGUZZI, G. “In cerca di punti condivisibili per l’interpretazione dell’Apocalisse”. In: ALETTI, J.-N.; SKA, J. L. (ed.). *Biblical Exegesis in Progress. Old and New testament Essays*. Roma: Editrice del Pontificio Istituto Biblico, 2009, pp. 501-528. E, ainda muitas outras propostas na leitura de VANNI, U. “L’Apocalisse. Breve Introduzione”. Disponível em: <http://www.xaverianas.com/images/pagine_bibliche/ApIntroduzione.pdf>. Acesso em 10 de agosto de 2015. Existem ainda leituras sincrônicas do Apocalipse baseadas na Retórica: LABAHN, M. “The book of Revela-

Ugo Vanni⁵, que propõe dividir os 22 Capítulos do livro do Apocalipse, estruturando-o em duas grandes partes, com muitas seções que se entrelaçam numa expressão típica da complexa compreensão da estrutura literária do livro do Apocalipse.

1,1-3: Prólogo

1,4-3,22: *Primeira parte*

- Diálogo litúrgico inicial (1,4-8),
- O encontro dominical com Cristo ressuscitado (1,9-20),
- A mensagem de Cristo ressuscitado às sete Igrejas (2-3).

4,1-22,5: *Segunda parte*

Subdividida em cinco seções, das quais a primeira tem um carácter introdutório, a última tem carácter conclusivo. As seções mais importantes são as centrais: 2a-3a-4a.

cc. 4-5: *Seção introdutória*

Nesta seção aparecem os três parâmetros fundamentais para a interpretação da história:

- o trono de Deus e os personagens da sua corte celeste (4,1- 11);
- o rolo contendo o projeto divino sobre a História (5,1-5);
- Cristo-Cordeiro que recebe o rolo e se lhe remove os selos (5,6-14).

6,1-8,5: *Seção dos selos*

Sete selos progressivamente abertos pelo Cristo-cordeiro. Com o sétimo selo ocorre um fato literário particular: o seu conteúdo é uma apresentação global da seção seguinte, aquela das trombetas (8,1-5). O mesmo fenômeno se verificará com a sétima trombeta (11,11-19) e com o sétimo cálice (16,17-21).

Assim, o sétimo elemento conclui a série de sétuplos⁶ e, ao mesmo tempo, engloba a seção subsequente.

8,6-11,19 (11,11-19):

tion an early Christian ‘Search for Meaning’ in critical conversation with its Jewish heritage and Hellenistic-Roman society”. Disponível em: <http://www.indieskriflig.org.za/index.php/skriflig/article/view/1833/2922#AF0001_1833>. Acesso em 10 de setembro de 2015.

⁵ VANNI, U. *Apocalisse*. Bologna: EDB, 1991.

⁶ Esta questão estrutura a proposta geral de BIGUZZI, G. *Apocalisse*. espec. pp. 21-26; nesta mesma perspectiva AYUCH, D. “La instauración del Trono em siete septenarios: La macro-narrativa y su estructura em el Apocalipsis de Juan”. *Biblica* 85 (2004), pp. 255-263.



A apresentação global da seção seguinte: seção das trombetas. Caracterizada pelo rumor sucessivo das sete trombetas soadas pelos anjos. As últimas três trombetas se sobrepõem aos três “ai” (8,13), criando um crescendo literário notável.

12,1–16,21 (16,17-21):

A apresentação global das seções conclusivas: A seção do tríplice signo:

- a mulher (12,1),
- o dragão (12,3),
- os anjos com as sete taças (15,1).

17,1–22,5: *Seção conclusiva*

Na qual ocorre a intervenção resolutiva e irreversível do Cristo-cordeiro, que anula as potências hostis, conflagradas em Babilônia, prepara e realiza assim a Jerusalém nova, a noiva que se torna a “Esposa” (21,9).

Estas cinco seções estão ligadas entre si por uma cadeia linear, temporal e progressiva, o que determina assim um movimento ascendente que termina na seção final.

Mas, no decurso do livro, alguns elementos são subtraídos, por um jogo sutil de tempos verbais, a partir do eixo do desenvolvimento temporal, e se deslocam livremente, para trás e para frente, no que diz respeito ao desenvolvimento linear, dando assim certo carácter metatemporal ao choque de forças positivas e negativas, no sentido de propor a superação da atenção cronística dada aos eventos, e permitindo, assim, a aplicação da mensagem para cada situação concreta da história.

22,6-21: *Epílogo*.

1.2. A Nova Jerusalém⁷

A Igreja anuncia o que vê: em Cristo no Espírito a Vitória de Deus sobre

⁷ SEMBRANO, L. “Gerusalemme: Città-Sposa. L’Inesauribile Forza di um Simbolo di Eternità”. In: CASALEGNO, A. *Tempo Ed Eternità. In Dialogo com Ugo Vanni sj*. Milano: San Paolo, 2002, pp. 129-140; SPATAFORA, A. “Il Tempio nell’Apocalisse”. In: BOSETTI, E.; COLACRAI, A. *Apokalypsis. Percorsi nell’Apocalisse di Giovanni*. Assisi: Cittadella, 2005, pp. 535-558; PISANO, O. “‘E abiterà com Loro’ (Ap 21,3). La Gerusalemme Nuova e la SHEKINAH”. In: BOSETTI, E.; COLACRAI, A. *Apokalypsis. Percorsi nell’Apocalisse di Giovanni*. Assisi: Cittadella, 2005, pp. 183-202; MOLINA, F. C. “La Nuova Gerusalemme, Città Aperta”. In: BOSETTI, E.; COLACRAI, A. *Apokalypsis. Percorsi nell’Apocalisse di Giovanni*. Assisi: Cittadella, 2005, pp. 621-648; NA’AMAN, N. “Biblical and Historical Jerusalem in Tenth and Fifth-Fourth Centuries BCE”. *Biblica* 93 (2012), pp. 21-43.

o Mal e a Morte Eterna! Segundo Vanni⁸, o autor do Apocalipse - que escreve com toda probabilidade no fim do primeiro século ou no início do segundo – não ignora os eventos da Jerusalém histórica. Quando se refere à destruição da cidade que teve lugar em 70, ele faz isso com uma linguagem que exprime a emoção causada por este acontecimento dramático: “*Foi dado à mercê de nações, e eles pisarão a cidade santa por quarenta e dois meses*” (11,2). Mas a Jerusalém da qual ele ultrapassou a concretude histórica torna-se, na linha dos profetas do Antigo Testamento, especialmente em Isaías (60, 9: “*Não terás mais necessidade de sol para te alumiar, nem de lua para te iluminar: permanentemente terás por luz o Senhor, e teu Deus por resplendor*”) a expressão final, a mais ousada ação criadora de Deus.

Tendo em conta esta constatação, o autor do Apocalipse enfatiza gradualmente o protagonista da insegurança: a figura impressionante de “Babilônia”, que o autor vê como a síntese de uma convivência que corta os laços com qualquer relacionamento com Deus e fechada em seu bem-estar, de um consumismo desenfreado, apreciado por poucos, favorecido por um poder estatal absoluto, a ponto de afirmar que age para adorar seu principal expoente, o Imperador⁹.

E’ impressionante o quadro que o autor nos apresenta deste sistema terrestre, fechado em sua imanência (18,12-13). Babilônia, símbolo do sistema terrestre, é qualificada como a ‘grande prostituta’ (17,1: *τῆς πόρνῆς τῆς μεγάλης*), a profanadora do amor. Babilônia terminará repentinamente: desabarà sobre si mesma graças a uma espécie de implosão e será queimada. Mas não permanecerá um vazio. À Babilônia, a grande prostituta, será contraposta Jerusalém, a primeira dama, a noiva e depois a Esposa, protagonista do amor maior. O autor elabora com acurada paixão os traços deste quadro simbólico que a exprime.

Uma primeira apresentação deste quadro (21,1-8) se desenvolve em três fases literárias consecutivas.

Na primeira se afirma: “*Vi, então, um novo céu e uma nova terra, pois o primeiro céu e a primeira terra desapareceram e o mar já não existia*” (21,1). O céu e a terra assim combinados indicam globalmente a

⁸ “L’Apocalisse. Breve Introduzione”. Disponível em: <http://www.xaverianas.com/images/pagine_bibliche/ApIntroduzione.pdf>. Acesso em 10 de agosto de 2015.

⁹ Sobre a identidade Imperial da Cidade Maldita e pecadora (Babilônia) em suas relações idólatricas com o Império Romano, fonte de sofrimento para setores do Cristianismo Joanino: KRAY-BILL, J. N. *Culto e Comércio Imperiais no Apocalipse de João*. São Paulo: Paulinas, 2004.

obra criadora de Deus. E Deus declara solenemente, logo depois: “*Então o que está assentado no trono disse: Eis que eu renovo todas as coisas. Disse ainda: Escreve, porque estas palavras são fiéis e verdadeiras.*” (21,5). Deus aplica a novidade de Cristo Ressuscitado ao Mundo, e assim a Criação atinge seu cume¹⁰.

No contexto deste mundo redimido aparece a Jerusalém nova: “*Eu vi descer do céu, de junto de Deus, a Cidade Santa, a nova Jerusalém, como uma esposa ornada para o esposo*” (21,2). Jerusalém representa aqui o conjunto do povo de Deus, forjado por Deus sob medida — capaz de amar como Deus que “é amor” (I Jo 4,8.16) — e ligado a Cristo por uma relação de amor, típico de um noivado.

No decurso da História da salvação, mediante as suas “*obras justas*” (19,8), expressão do seu amor crescente, o povo de Jerusalém, a noiva, prepara-se para o encontro nupcial, confeccionando-se o vestido de casamento (19,7). Ela será capaz de amar a Cristo como o Cristo a ama, com uma forma de amor recíproco, típico da nupcialidade.

A segunda apresentação da Jerusalém nova (21,9–22,5) desenvolve a relação paritária de nupcialidade entre Cristo-Cordeiro e Jerusalém, a noiva, que já se tornou esposa (21,9). O autor toca aqui o vértice da sua capacidade de “simbolização” e nos presenteia um verdadeiro ‘capolavoro’ literário.

Nos capítulos 21-22,¹¹ a pregação da visão chega ao seu auge na imagem que envolve tanto a Igreja como a Humanidade. O casamento que fora já previsto está por começar e por isso surge a visão da esposa do cordeiro. A

¹⁰ Um artigo interessantíssimo de Padre Ugo Vanni sobre o conceito de ‘cosmos’ no Apocalipse demonstra a força da criação nova, baseada nas energias inéditas da Ressurreição de Cristo: VANNI, U. “Il Cosmo nell’Apocalisse: Fenomenologia dell’incrocio di due culture: Dal Primo Mondo al Mondo Escatologico”. In: DE GENNARO, G. (ed.) *Il Cosmo nella Bibbia*. Napoli: Edizioni Dehoniane, 1980, pp. 495-526. Um texto atualizado sobre este tema: DOGLIO, C. *I Primogenito dei Morti. La Resurrezione di Cristo e dei cristiani nell’Apocalisse di Giovanni*. Bologna: Edizioni Dehoniane Bologna, 2005, em particular: pp. 299-322. O tema do Cosmos transformado por Cristo Ressuscitado ocupará grande parte da Teologia Patrística a começar pelo grande Orígenes: FEDOU, M. *La Sagesse et le Monde. Le Christ d’Origène*. Paris: Desclée, 1994.

¹¹ SWEET, 1990, pp. 300-312; CHARLES, R. H. *A Critical and Exegetical Commentary on The Revelation of St. John*. 2 Vols. Edinburg: T. & T. Clark, 1971, pp. 200-211. Temos uma magnífica introdução em AUNE, D. *Prophecy in Early Christianity and the Ancient Mediterranean World*. Michigan: Grands Rapids, 1991, p. xlviii-ccxi; OSBORNE, G. R. *Revelation*. Grands Rapids: Baker Academic, 2002; além da excelente introdução: pp. 1-49; os comentários da unidade (21,9-22,5): pp. 728-777; BIGUZZI, G. *Apocalisse*. 3ª ed. Milano: Paoline, 2013., Introdução atualizada: pp. 15-53 e os comentários da unidade: pp. 360-373.

salvação humana, segundo a antiga tradição profética do Antigo Testamento prevê uma íntima união entre Deus e o seus eleitos.

De um lado, a visão da purificação pela dor, pelo combate, pelo martírio; do outro, a consolação, uma realidade nova desce de Deus: Apocalipse 21,1-2: uma nova criação e uma nova cidade, de Deus e dos homens.

Em consequência, uma nova ordem jurídica reassume o conjunto da Humanidade redimida: a expressão ‘Reino’ diz respeito, como nos Evangelhos Sinóticos, à realidade do Domínio de Deus Criador e Redentor. Como no Egito/Babilônia o novo Povo de Israel, agora composto por todos os povos, línguas e nações, adora, segue e venera o Cordeiro. Sua Páscoa é a força geradora de Libertação Definitiva do destino, única maneira de exprimir a vida sem futuro, sob a escravidão do vício, do mal, e do pecado.

A *Nova Cidade*, Jerusalém é ao mesmo tempo a Igreja e toda e a Humanidade. Como Sacramento, a Igreja/Cidade, em suas ruas, muros e, sobretudo em sua ‘*agoráh*’ (a praça), onde se reúnem os justos resgatados sob a claridade Divina, do Dia sem Ocaso, o Sol dominical, que é Cristo, tendo os Dozes, como sedes de Justiça, Julgamento e Testemunho¹².

Agora a Morte humana, descrita no Livro como força do Bem, diante da Fera, do Mal e do pecado recebe sua Compreensão mais radical. Há uma Luz que brilha no coração da Morte, que resgata da morte, pois morreu primeiro Aquele que serviu a Deus perfeitamente, e que, seguido, conduz ao Reino, como cidadãos da Nova Cidade, a humanidade em seu trajeto de Redenção¹³

2. A Cidade de Jerusalém no Livro do Apocalipse

No livro do Apocalipse, Jerusalém ocupa um lugar central, mas logo surge, desde a primeira página, uma concepção particular que surpreende: ‘O vencedor, eu o colocarei como uma coluna no templo do meu Deus, e ele de lá não mais sairá. Escreverei sobre ele o Nome do meu Deus e o nome da cidade do meu Deus, a nova Jerusalém, que desce do céu, do meu Deus, juntamente com o meu novo nome.’¹⁴

¹² A Eclesiologia do Movimento Joanino, expressa no livro do Apocalipse apresenta-se bem sintetizada na obra de ROLOFF, J. “Die Gemeinschaft der Freunde Jesu: Die johanneischen Schriften”. In: ROLOFF, J. *Die Kirche im Neuen Testament*. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1992, pp. 290-209.

¹³ Sobre os aspectos místicos da leitura do Livro do Apocalipse: VANNI, U. “Linguaggio, Simbolo ed speranza mística nel libro dell’Apocalisse”. *Gregorianum* 79/1 (1998), pp. 5-28.

¹⁴ VANNI, U. “Apocalisse - 2° Insetto - La nuova Gerusalemme”. Roma, 2002. Disponível

Como já aludimos na seção introdutória, o Livro conclui-se com uma longa seção dedicada à visão de Jerusalém, original, como Revelação. Trata-se de uma experiência pascal, o Cordeiro conclui sua vitória, oferecendo ao Profeta de Patmos uma visão do ‘matrimônio’ da Humanidade, representada na Cidade-Noiva, com o Cordeiro Pascal, palco da Festa dos convidados escatológicos de todas as nações.

O contexto da unidade de Jerusalém (21,9-22,5) só pode ser compreendido se considerarmos que a unidade 19,1-10 encena o imaginário da cidade, com a qual se esposa o Cordeiro, após a crise de Babilônia (17-18).

2.1. A Visão da Nova Jerusalém no contexto de Israel

A tradição de Jerusalém, como polo político-espiritual e escatológico, inicia-se com o estabelecimento da ‘dinastia davídica’ (2 Sm 5). A cidade de Jerusalém tornava-se, na teologia política dos círculos teológicos do Sul, um símbolo da identidade, da unidade e do futuro de Israel¹⁵.

Segundo Sembrano independentemente das divergências históricas sobre a tomada de Jerusalém por Davi, relatada em 2Sm 5, é indiscutível a presença por mais de três séculos de templos setentrionais sob o patronato dos filhos de Salomão; estes, porém, não poderão competir com o esplendor do Templo de Jerusalém.

Nestes círculos sacerdotais de Jerusalém se construirá o terreno mais fecundo para a produção dos cantos litúrgicos reunidos no saltério, para a elaboração de grande parte dos documentos de caráter ritual e ético condensados no Pentateuco¹⁶, e mesmo para historiografia israelita, que está na base dos livros dos Reis.

No ano 622, Josias se encarrega da destruição de vários santuários,

em: <http://www.parrochiadiformigine.it/gm/l_apocalisse/skp_02.pdf>. Acesso em 20 de setembro de 2015: Nel libro dell’Apocalisse, Gerusalemme occupa un posto centrale, ma emerge subito, fin dalle prime pagine, una concezione particolare che sorprende: «Il vincitore lo porrò come colonna nel tempio del mio Dio e non ne uscirà mai più. Inciderò su di lui il nome del mio Dio e il nome della città del mio Dio, della nuova Gerusalemme che discende dal cielo, dal mio Dio, insieme con il mio nome nuovo»

¹⁵ Uma bibliografia interessante se encontra em SEMBRANO, L. “Gerusalemme: Città-Sposa. L’Inesauribile Forza di um Simbolo di Eternità”. In: CASALEGNO, A. *Tempo Ed Eternità. In Dialogo com Ugo Vanni sj.* Milano: San Paolo, 2002, pp. 129-140.

¹⁶ Sobre as relações entre o Livro do Deuteronômio e a literatura deuteronômista referimo-nos ao Festschrift dedicado a Brekelmans: VERVENNE, M. e LUST, J. (Ed.). “Deuteronomy and Deuteronomic Literature”. *BETHEL* 83 (1997).

realizando-se concretamente as prescrições de Dt 12,14: “*Mas no lugar que o Senhor escolher numa das tuas tribos ali oferecerás os teus holocaustos, e ali farás tudo o que te ordeno*”¹⁷. Tal norma é um dos pontos de força da teologia deuteronomista, e em particular depois da diáspora exílica este princípio não será mais colocado em discussão. Jerusalém permanece, por isso, tanto no Saltério como na literatura profética, uma referência obrigatória.

No Saltério, aqueles salmos denominados ‘de peregrinação’ e ‘de Sião’ testemunham, pela fixação poética, a centralidade de Jerusalém nas tradições de Israel pós-exílico. Salmos de peregrinação, como os salmos 122 e 84, foram comentados pelos clássicos Gunkel¹⁸ e Kraus¹⁹.

O gênero literário dos Salmos de peregrinação, tendo a finalidade de exprimir a nostalgia do indivíduo por Sião, atrai outras formas expressivas, como as bênçãos, introduzidas pelas expressões ‘bem-aventurados’ ou ‘felizes’²⁰, a ponto de confundir-se com os Salmos de Sião, pois, com estes dividem o entusiasmo pela ida à Cidade de Jerusalém. É o caso do SI 84.

“*Porque haverá um dia em que gritarão os vigias sobre o monte de Efraim: Levantai-vos, e subamos a Sião, ao Senhor nosso Deus*”. (Jer 31,6)²¹. Neste texto o profeta anima a esperança do retorno do exílio usando os tons

¹⁷ NOORT, E. “The Traditions of Ebal and Gerizim: Theological Positions in the Book of Joshua”. In: VERVENNE, M. e LUST, J. (Ed.). “Deuteronomy and Deuteronomistic Literature”. *BETHEL* 83 (1997), pp. 161-180.

¹⁸ GUNKEL, H. *Einleitung in die Psalmen. Die Gattungen der religiösen Lyrik Israels*. Göttingen: Vandenhoeck-Ruprecht, 1933, pp. 309-311.

¹⁹ KRAUS, H.-J. *Theologie der Psalmen*. Neukirchen: Neukirchener Verlag, 1979, no qual dedica todo o cap. III ao santuário ierosolimitano e à teologia de Sião.

²⁰ μακάριοι, bem-aventurados ou felizes. BAUER, W. ‘μακάριοι’. In: BAUER, W. *A Greek-English Lexicon*. 2ª ed. Chicago/London: University of Chicago, 1979, pp. 486-87: “*blessed, fortunate, happy, usu. In the sense privileged recipient of divine favor*”; SWETE, *The Apocalypse*, p. 247: “*the words are a Christian interpretation of the remark which called forth the parable of the Great Supper, an expectation based on such prophecies as Isa XXV, 6. (Mt 8,2; 26,29 e par.)*”. Constitui um filão comum a todo o conjunto do Novo Testamento, de Jesus até o Apocalipse, sobretudo em relação à tradição Sinótica. Ocorre 4 vezes no Apocalipse tendo como sujeito desta ‘bênção’ um ser angelical (//20,6-7 e 14,13, nos quais ocorrem dois elementos comuns a 19, 9a: a ordem de escrever e a bem-aventurança). Kraft (1974) interpreta os destinatários desta beatitude como sendo os profetas. Para ele a questão seria a discussão em torno ao papel dos profetas na comunidade, seriam eles os únicos a poder ‘revelar’, no ambiente litúrgico, esta ‘visão’ (19,2-8) vitoriosa das núpcias?

²¹ SCHÖKEL, L.A.; SICRE DIAZ, J.L. *I Profeti*. Roma: Borla, 1989, pp. 639-40.

da peregrinação, para dar-lhe mais realismo, da mesma maneira, mas, aberta à universalidade de todos os povos estrangeiros, ecoam as leituras de Is 2,2: “*No fim dos tempos acontecerá que o monte da casa do Senhor estará colocado à frente das montanhas, e dominará as colinas. Para aí correrão todas as gentes*”²², e de Miq 4,1s:

Acontecerá, no fim dos tempos, que a montanha da casa do Senhor será estabelecida no ápice das montanhas, e será mais elevada que todos os outeiros. **Os povos** afluirão para ela, **numerosas nações** ali virão, dizendo: Vinde, subamos à montanha do Senhor, à casa do Deus de Jacó. Ele nos ensinará os seus caminhos, e andaremos por suas veredas. Porque de Sião sairá a doutrina, e de Jerusalém a palavra do Senhor²³.

Nos textos exílicos e pós-exílicos foram desenvolvidos também outros aspectos da esperança associada à Jerusalém: a compaixão pela Cidade, como se exprime no texto Isaiano 54,11s: “*Infeliz, sacudida pela tempestade e sem alívio, eis que te vou construir em pedra de jaspe e preparar teus alicerces de safira. Farei tuas ameias de rubis, as portas de cristal, e todo um recinto de pedras preciosas*”, no qual se lê o desejo de restituir à cidade ‘santa’, dignidade (pedras preciosas), como se lerá no Apocalipse. Ezequiel 40-48, em sua visão do novo Templo, nomeia Jerusalém com o tom mais elevado de sua identidade: “‘Jawheh’ lá está (reside)!”.

Estes profetas pintam Jerusalém com as cores do imaginário dos salmos de Sião, que celebram Jerusalém como ‘habitação do Altíssimo’, ‘Baluarte de Jahweh’, nos termos do Sl 48,2s: “*Grande é o Senhor e digno de todo louvor, na cidade de nosso Deus. O seu monte santo, colina magnífica, é uma alegria para toda a terra. O lado norte do monte Sião é a cidade do grande rei*”.

Neste campo é interessante notar como as vitórias de Jerusalém no passado (Senaquerib – 701a.C) se integram à visão confortadora do futuro. Por isso, Isaías prevê que as núpcias escatológicas se darão em Jerusalém²⁴, premissa da leitura do círculo Joanino²⁵.

²² SCHÖKEL, L.A.; SICRE DIAZ, J.L. *I Profeti*. pp. 131-133.

²³ SCHÖKEL, L.A.; SICRE DIAZ, J.L. *I Profeti*. pp. 1200-1205.

²⁴ Is 60,19s; 61,16 e 62,4: cf. SCHÖKEL, L. A.; SICRE DIAZ, J. L. *I Profeti*, pp. 411-424.

²⁵ Referências interessantes encontram-se no artigo: SANTOS, P. P. A. *As Fontes Literárias do termo “tó pneûma tés prophetéias” (Ap 19,10). Atualidade Teológica* (2011), pp. 475-490.



Um último círculo véterotestamentário sobre a figura de Jerusalém como metáfora da beleza e da cidade escolhida surge dos ambientes sapienciais.

Segundo Ravasi²⁶ em Ct 6,4: “És formosa, amiga minha, como *Tirsa, graciosa como Jerusalém, temível como um exército em ordem de batalha*”, a aplicação do ideário da beleza feminina à cidade não é um privilégio exclusivo de Jerusalém. Tirsa foi escolhida como referência ao seu passado glorioso, enquanto Jerusalém, pelo seu futuro.

A metáfora “Bela como Jerusalém” supõe que o leitor conheça, ao menos por ouvir dizer, a fama de esplendor desta cidade. Por isso, a comparação entre as duas cidades exigiria que o autor dos Cânticos tivesse sido conhecedor dos hinos de Sião, conservados no saltério e nos Profetas? No saltério e nos profetas, de fato, os elementos históricos e escatológicos foram fundidos, mas se conserva ainda alguma referência à realidade urbana concreta. No Cântico dos Cânticos a cidade serve somente como base para a metáfora.

2.2. A Visão da ‘Nova Jerusalém’ no Apocalipse

Prosseguindo sobre a via do simbolismo nupcial das Escrituras hebraicas, nas quais YHWH é apresentado então como Esposo de Israel (Is 54,1-8; Os 2,16ss), o Novo Testamento anuncia Cristo como o Esposo da Igreja, como se lê em Ef 5, 23.25.32: “*Este mistério é grande, quero dizer, com referência a Cristo e à Igreja*”²⁷. Em ambos os contextos as núpcias significam a Aliança e têm um valor escatológico, como se lê Mt 22: “*O Reino dos céus é comparado a um rei que celebrava as bodas do seu filho*” e ainda 25,1-3.

A nova Jerusalém, ‘a noiva, a esposa do Cordeiro’ (21,9) aparece para ele toda permeada pela glória de Deus que se manifesta na forma de luz. Seu portador da luz - Cristo que Se dá a sua noiva - exerce um fascínio irresistível. Para dar uma ideia o autor afirma que corresponde a uma joia rara, como o jaspe cristalino.²⁸

²⁶ RAVASI, G. *Il Cantico dei Cantici*. Bologna: EDB, 1992, p. 72.

²⁷ Segundo Vanni a Carta aos Efésios apresenta pontos de contato com a Escola Joanina: VANNI, U. “La Dimension christologique de Jérusalem nouvelle”. *RHPPhR* 79 (1999), pp. 119-133; SANTOS, P. P. A. *Apocalipse: Do Espírito da Verdade ao Espírito da Profecia*. São Paulo: Reflexão, 2015, espec. pp. 79-94.

²⁸ VANNI, U. “Apocalisse - 2° Insetto - La nuova Gerusalemme”. Disponível em: <http://www.parrocchiadiformigine.it/gm/l_apocalisse/skp_02.pdf>. Acesso em 25 de agosto de 2015: ‘La Gerusalemme nuova, «la fidanzata, la sposa del l’Agnello» (21,9) gli appare tutta pervasa dalla

O Amor entre Cristo e a Igreja se realiza submisso às imagens de riquezas e de esplendor, sinais da Glória definitiva. Vanni analisa a dimensão do simbolismo teriomórfico: “*o Cordeiro se esposa*”:

O Autor do Apocalipse usa a fórmula teriomórfica para indicar heterogeneidade (...). O animal protagonista diz que existe no âmbito da história um complexo de forças em ação, uma vitalidade incontrolável que o contexto imediato poderá especificar posteriormente, mas que se subtrairá a uma plena verificação humana²⁹.

A cidade-esposa constitui o cume da história da Salvação e recorda suas fases sobre as doze portas nas quais estão inscritos os nomes das doze tribos de Israel, e estão abertas em todas as direções, prontas para acolher todos os povos da terra; sobre seus doze fundamentos se encontram inscritos os nomes dos Doze Apóstolos e do Cordeiro.

Porém, não é o suficiente. O vidente de Patmos quis indicar mais claramente o que representa Jerusalém, a noiva, para Cristo-Cordeiro, e faz isso principalmente através da aplicação do símbolo da medição, uma vez que o Antigo Testamento expressa pela pessoa que introduz normalmente um ser transcendente, um anjo, que em nome de Deus avalia, toma consciência da realidade medida. Aqui um anjo com uma vara de ouro – o metal que no Apocalipse expressa e simboliza um contato direto.

A cidade-noiva tem uma base quadrada que lhe dá uma estabilidade absoluta porque, como sugerido por uma comparação com Efésios 2,20: “*edificados sobre o fundamento dos apóstolos e profetas, tendo por pedra angular o próprio Cristo Jesus*”. As dimensões da cidade vão além de todos os poderes de imaginação humana, levando à condução em um campo que transcende todo conceito: o comprimento, a largura e ‘a altura são iguais’ (21,16) e tem cada uma o tamanho de 12.000 estádios, correspondendo a cerca de 2400 quilômetros.

gloria di Dio che si manifesta in forma di luce. Il suo portatore di luce — Cristo che si dona alla sua sposa — esercita un fascino irresistibile. Per darne un’ idea l’autore afferma che corrisponde a «una gemma preziosissima, come pietra di diaspro cristallino»

²⁹ VANNI, U. “Apocalisse - 2° Insetto - La nuova Gerusalemme”. Disponível em: <http://www.parrocchiadifomigine.it/gm/l_apocalisse/skp_02.pdf>. Acesso em 25 de agosto de 2015: ‘L’autore dell’Apocalisse usa la formula teriomorfa per indicare l’eterogeneità...l’animale protagonista dice che c’è, proprio nell’ambito della storia, un complesso di forze in atto, una vitalità inarrestabile che il contesto immediato potrà specificare ulteriormente, ma che sfuggirà a una piena verifica dell’uomo.’

Ela decola na direção do absoluto: Cristo quis construir sua cidade-esposa sob medida do seu Amor. Ele indica um novo paralelo neotestamentário. Em Efésios 3,18-19, Paulo exorta os cristãos “*a fim de que possais, com todos os cristãos, compreender qual seja a largura, o comprimento, a altura e a profundidade, isto é, conhecer a caridade de Cristo, que desafia todo o conhecimento, e sejais cheios de toda a plenitude de Deus*”.

As doze portas constituídas por doze pérolas com a mesma valência cristológica das pedras preciosas, como também a praça feita de “*Cada uma das doze portas era feita de uma só pérola e a avenida da cidade era de ouro, transparente como cristal*” (Ap 21, 21), servem para inculcar um novo contato imediato e caloroso com Cristo e com Deus.

2.3. Os Povos na Jerusalém Nova³⁰

Segundo Biguzzi, a unidade final, iniciada em 17,1-22,5, implica na compreensão de um binômio antagônico: de um lado, Babilônia e do outro, Jerusalém. A Perdida e a Santa.³¹

Para Biguzzi o texto oferece uma estrutura dividida em quatro partes, a partir das fórmulas introdutórias, com os dois últimos anjos dos cálices, por três vezes (21,10.15, 22,1) e por fim o próprio vidente (21,22).

Os quatro textos podem ser lidos dois a dois, a partir do momento em que o primeiro e o segundo (21,10-14 e 15-21a) descrevem a Cidade externamente (Muralha, medidas perfeitas, preciosidade dos fundamentos e das portas),

³⁰ BIGUZZI, G. *Apocalisse*, 2013, pp. 360-373. Interessante o trabalho de FRANCO, P. “La Nouvelle Jérusalem. Etudes Intertextuelle d’Apocalypse 21, 12-21”. Disponível em: <<http://www.archivesadventistes.net/EN/BAV/MEM/NouvelleJerusalem>>. Acesso em 21 de setembro de 2015.

³¹ BIGUZZI, G. *Apocalisse*, p. 360. Estas relações entre a Nova Jerusalém e o Mal, representado em Babilônia, encontra eco durante a Idade Média na obra do Abade Gioacchino dei Fiori: FORD, J. M. “L’Anticristo e la Nuova Gersusalemme negli Scritti di Giocchino dei Fiori”. In: BOSETTI, E.; COLACRAI, A. *Apokalypsis. Percorsi nell’Apocalisse di Giovanni*. Assisi: Cittadella, 2005, pp. 735-752. Sobre as questões das Cidades em Santo Agostinho: MARAFIOTTI, D. “La Storia tra il Tempo e l’eternità. Il Contesto del “De Civitate Dei” di Sant’Agostino”. In: CASALEGNO, A. *Tempo Ed Eternità. In Dialogo com Ugo Vanni sj*. Milano: San Paolo, 2002, pp. 217-234. ROMERO-POSE, E. “Los Ángeles de las Iglesias” (Exegesis de Ticonio al Apoc. I, 20,22). *Augustinianum* 35 (1995), pp. 119-136. Sobre as questões da teologia política de Santo Agostinho na antiguidade tardia: SANTOS, P. P. A. “De Civitate Dei: História e Eschatologia em Santo Agostinho. Poder e Religião no Cristianismo Latino e (Proto-)Medieval”. *Principia* 16 (2008), pp. 19-34.

enquanto o terceiro e o quarto (21b-27 e 22,1-5) conduzem os leitores e viajantes para a parte interna da Cidade, na direção da Beatitude que se vive ali (a Praça, o Templo, admitidos e excluídos, o Rio e a Árvore da Vida, o Trono, e os servos de Deus, que reinarão pelos séculos).

2.3.1. Ap 21,9-11

Então veio um dos sete Anjos que tinham as sete taças cheias dos sete últimos flagelos e disse-me: Vem, e mostrar-te-ei a noiva, a esposa do Cordeiro. Levou-me em espírito a um grande e alto monte e mostrou-me a Cidade Santa, Jerusalém, que descia do céu, de junto de Deus, revestida da glória de Deus. Assemelhava-se seu esplendor a uma pedra muito preciosa, tal como o jaspero cristalino.

O anjo das taças, que anuncia o Juízo de Babilônia é o mesmo que mostrará a Nova Jerusalém, indicando assim uma estratégia narrativa que colocará a queda de Babilônia no mesmo plano da ‘katábasis’ da Nova Jerusalém (τὴν πόλιν τὴν ἁγίαν Ἱερουσαλήμ καταβαίνουσαν ἐκ τοῦ οὐρανοῦ ἀπὸ τοῦ θεοῦ). João quer subtrair os leitores dos efeitos da Besta ao fazer brilhar a seus olhos o esplendor da escatologia, escrevendo uma das páginas mais intensas do Novo Testamento³².

Estabelece-se assim, um paralelo entre as duas mulheres-cidades. Em 17-18, a Prostituta representa a cidade imperial, o poder político opressor e corrupto. Ao contrário da esposa, como se via já em 19,7-8³³, com todos os títulos da santidade e da beleza. A imagem da Esposa atribuída a Jerusalém, é sinal do amor e do desejo de alegrar o Esposo com suas boas obras (19,8: ‘Foi-lhe dado revestir-se de linho puríssimo e resplandecente. **Pois o linho são as boas obras dos Santos**’), por isso, a imagem da cidade descendente é sinônimo de perfeição, de esplendor e beatitude.

Outro elemento importante é a origem pneumática (‘ἐν πνεύματι’) da visão do inteiro livro que agora se conclui com a ‘civitatis visio’ de Jerusalém.

³² Entre os autores que colocam estas duas cenas em confronto: ROSSING, B. R. *The Choise between two Cities, Whore, and Empire in the Apocalypse*. Harrisburg: Trinity Express, 1999. Disponível em: <http://www.affcrit.com/pdfs/2002/01/02_01_br.pdf>. Acesso em 19 de setembro de 2015. HOCK, A. “From Babel to the New Jerusalem (Gen 11,1-9 and Rev 21,1-22,5)”. *Biblica 89* (2008), pp. 109-118.

³³ SANTOS, P. P. A. “O Movimento Joanino e o Papel do Espírito da Verdade na Compreensão de Ap 19,9-10”. *Atualidade Teológica 34* (2010), pp. 77-100.

Pode se dizer, a partir da comparação com o ‘*Corpus Johanneum*’ (Evangelho, Cartas e Apocalipse) que se trata da ação reveladora do Espírito da Verdade (Jo 14–16) revestido de ‘profecia’ (19,9-10)³⁴. Segundo R. G. Bratcher, no conjunto do Evangelho encontram-se pelo menos quatro grupos de significação do nosso vocábulo:

O substantivo e o verbo são usados em uma variedade de maneiras, o que pode ser definido da seguinte forma: A. **Honra, Fama, reputação, honrar, louvar**: há oito passagens em que as palavras têm esse sentido (5, 41,44; 7,18a.b; 8,50.54; 12,43; 21,19). B. **DOXA de Deus**. (1) na história da morte de Lázaro (Jo 11,14); (2) Deus é/ será “glorificado” (12,28a.b; 13,31.32; 14,13; 17,1.4); C. **DOXA de Jesus**, (1) Deus deu a Doxa a Jesus (17,22.24); (2) A doxa de Jesus (1,4; 2,11; 12,41; 17,5) (3) Jesus é / será glorificado (11,14-vide nº 1; 12,23; 13,31a; B.2c; 13,32; 16,14; 17, 1a.5a.10); D. **Jesus dá a DOXA aos seus discípulos**, (17,22)³⁵.

³⁴ Sobre estes aspectos comparativos no conjunto da obra da tradição Joânica, publicamos nossa Tese Doutoral: SANTOS, P. P. A. *Apocalipse. Do Espírito da Verdade ao Espírito da Profecia*. São Paulo: Reflexão, 2015: Nosso ponto de partida é a constatação que, se existem estudos sobre o Espírito seja no IVº Evangelho como nas **Cartas de S. João** e no **Apocalipse**, faltava ainda um **estudo comparativo** sobre a função que o Espírito desempenha no âmbito eclesial, levando em consideração o provável desenvolvimento do movimento joanino do IVº Evangelho ao Apocalipse. Tomamos por isso, da experiência do Espírito no *Evangelho*, não o Paráclito, já muito estudado, mas uma particular denominação do Paráclito, τὸ πνεῦμα τῆς ἀληθείας que ocorre 3 vezes no Evangelho (14,17; 15,26; 16,13). Do Apocalipse analisamos o 2º título do Espírito: τὸ πνεῦμα τῆς προφητείας. Refere-se a um particular contexto, aquele do Testemunho de Cristo mantido pelos profetas, que sustenta e consola a Igreja na luta e no combate contra o Mal e suas Potências. Ao mesmo tempo coloca a Igreja em contato direto e atual com Cristo, o ‘Testemunha Verdadeiro’ (contexto litúrgico) e com sua Vitória Escatológica sobre as potências diabólicas. Muito importante neste estudo comparativo partir das funções comuns do Espírito expressas em contextos diversos, pelos verbos que caracterizam a ação do Espírito através destes títulos. Trata-se da Verdade, do Testemunho e da Profecia, como elementos de caracterização das funções do Espírito no âmbito joanino.

³⁵ BRATCHER, R.G. “*Glory in relation to Jesus*”. *BibTrans* 42 (1991), pp. 401-408: “The noun and the verb are used in a variety of the ways, which may be set out as follows: **A. Honor, Fame, Reputation, To honor, to praise**, there are eighth passages in which the words have this sense (5,41.44; 7,18a.b; 8,50.54; 12,43; 21,19). **B. The DOXA of God**. (1) in the story of the death of Lazarus (Jo 11,14); (2) God is/wil be “glorified” (12,28a.b; 13,31.32; 14,13; 17,1.4); **C. The DOXA of Jesus**, (1) God gave doxa to Jesus(17,22.24); (2) The doxa of Jesus(1,4; 2,11; 12,41; 17,5) (3) Jesus is/wil be glorified (11,14-vide nº 1; 12,23; 13,31a; B.2c; 13,32; 16,14; 17,1a.5a.10); **D. Jesus gives doxa to his disciples**, (17,22)”.

E de certa maneira, dentro do universo simbólico da linguagem da tradição Joanina, presente no Apocalipse, tudo isso se exprime na configuração das pedras preciosas que ornamentam a cidade eterna e nova. Cercada de esplendor, a Cidade indica sua comunhão estrutural com o ‘Kabbod’ Divino, que pertence ao Cordeiro. Tudo isso, na linguagem superlativa da descrição da Cidade (τιμιωτάτω v. 11).³⁶

2.3.2. Ap 21,12-14

¹²Tinha grande e alta muralha com doze portas, guardadas por doze anjos. Nas portas estavam gravados os nomes das doze tribos dos filhos de Israel.

¹³Ao oriente havia três portas, ao setentrião três portas, ao sul três portas e ao ocidente três portas. ¹⁴A muralha da cidade tinha doze fundamentos com os nomes dos doze apóstolos do Cordeiro’.

‘πυρός’, porta (6 vezes), o termo aparece como um elemento de coesão simbólica desta unidade. Neste caso associado ao número doze (anjos, tribos de Israel e Apóstolos). Como em Ef 2, 20: “ἐποικοδομηθέντες ἐπὶ τῷ θεμελίῳ τῶν ἀποστόλων καὶ προφητῶν, ὄντος ἀκρογωνιαίου αὐτοῦ Χριστοῦ Ἰησοῦ”³⁷, refere-se aos fundamentos Apostólicos da Cidade Nova: “ἐπὶ τῷ θεμελίῳ τῶν ἀποστόλων”.

Nesta imagem dos fundamentos (τῷ θεμελίῳ), João, muito originalmente funde Israel pré-messiânico e aquele messiânico dos Apóstolos num só Povo. É bem verdade que também os distingue³⁸. No fundo, deseja exprimir a ideia que a Nova Jerusalém, a Cidade Escatológica, abriga a chegada histórica de todo o Povo de Deus em seus dois componentes.

Outro elemento que não pode deixar de chamar atenção na construção simbólica da mensagem refere-se ao numero Doze (δώδεκα), repetido três vezes, seja para as portas (πυλῶνας δώδεκα), seja para os fundamentos (θεμελίους δώδεκα). Alia-se a esta visão um segundo número, o quatro, isto é, a divisão tripartida das portas em todas as direções: três (ἀνατολῆς), três

³⁶ No Apocalipse os adjetivos superlativos são somente dois, e se trata sempre do superlativo de ‘timios’: 1) Ap 18,12 (ἐκ ξύλου τιμιωτάτου) sobre as madeiras dos mercantes em Babilônia e, 2) 21,11 (τιμιωτάτω ὡς λίθῳ), a cerca da pedra preciosíssima que empresta um esplendor particular à Cidade de Jerusalém, que vem do Céu.

³⁷ ‘Edificados sobre o fundamento dos apóstolos e profetas, tendo por pedra angular o próprio Cristo Jesus’.

³⁸ Esta articulação já ocorre em Ap 11,11-13: BIGUZZI, G. *Apocalisse*, p. 227.

(βορρᾶ), três (νότου). Assim, conjugam-se os números 12, referentes aos aspectos histórico-salvíficos das *Tribos de Israel* (φυλῶν υἰῶν Ἰσραήλ) e o número 4, que se refere à dimensão cósmica.

O autor propõe assim uma interpretação da Cidade escatológica não somente como êxito e meta de toda a História, mas também de toda a Criação. É o mundo novo, uma nova Humanidade, e enfim, a Nova Criação.

2.3.3. Ap 21,15-21a

¹⁵Quem falava comigo trazia uma vara de ouro como medida para medir a cidade, as suas portas e a sua muralha. ¹⁶A cidade formava um quadrado: o comprimento igualava à largura. Mediu a cidade com a vara: doze mil estádios. O comprimento, a largura e a altura eram iguais. ¹⁷E mediu a muralha: cento e quarenta e quatro côvados, segundo a medida humana empregada pelo anjo. ¹⁸O material da muralha era jaspe, e a cidade ouro puro, semelhante a puro cristal. ¹⁹Os alicerces da muralha da cidade eram ornados de toda espécie de pedras preciosas: o primeiro era de jaspe, o segundo de safira, o terceiro de calcedônia, o quarto de esmeralda, ²⁰o quinto de sardônica, o sexto de coralina, o sétimo de crisólito, o oitavo de berilo, o nono de topázio, o décimo de crisóparo, o undécimo de jacinto e o duodécimo de ametista. ^{21a}Cada uma das doze portas era feita de uma só pérola.

As medidas compõem uma segunda referência da descrição simbólica da Cidade escatológica. O anjo responsável pela mensuração indica aos leitores que se trata de uma cidade sem medidas humanas. Nesta unidade, João envolve os leitores em atividades aritméticas: 12.000 é resultado de 12x 1.000, enquanto 144 é 12x12, e que estas cifras indicam o fato que na base das dimensões da cidade escatológica está o número 12, mas que leitor só percebe sua significação simbólica se ver os números 12.000 e 144, ambos, como múltiplos do número do Povo de Deus.

O material (ἡ ἐνδώμησις) da Muralha, descrito através da linguagem de pedras preciosas (λίθω τιμίω κεκοσμημένοι), oferece mais uma vez a manifestação do âmbito divino da cidade. João se inspira em Ex 28,17-20.³⁹

³⁹ Existem evidentemente outras influências interligadas aqui: Is 54,11s; Tob 13,17; Ex 36,6-21. BÖCHER, O. 'Zur Bedeutung der Edelsteine in Offb 21', dans *Kirche und Bibel: Festgabe für Bischof Eduard Schick*, Paderborn, Munich, Vienne, Zürich, Ferdinand Schöningh, 1979, pp. 19-32. BERGERMEIER, R. "'Jerusalem, du hochgebaute Stadt'". *ZNW* 75 (1984), pp. 86-106.

Tudo na escatologia é simétrico, perfeito e preciosíssimo, e o leitor deve ser inebriado de tanta riqueza e harmonia. Deve desejar ser cidadão desta cidade e deve defender, portanto, com todas as forças, a sua pertença ao Povo das Doze Tribos e dos Doze Apóstolos, porque a cidade perfeita e preciosa é dom e meta somente para quem pertence àquele povo e a este é fiel.

2.3.4. Ap 21,21b-27

^{21b}e a avenida da cidade era de ouro, transparente como cristal. ²²Não vi nela, porém, templo algum, porque o Senhor Deus Dominador é o seu templo, assim como o Cordeiro. ²³A cidade não necessita de sol nem de lua para iluminar, porque a glória de Deus a ilumina, e a sua luz é o Cordeiro. ²⁴As nações andarão à sua luz, e os reis da terra levar-lhe-ão a sua opulência. ²⁵As suas portas não se fecharão diariamente, pois não haverá noite. ²⁶Levar-lhe-ão a opulência e a honra das nações. ²⁷Nela não entrará nada de profano nem ninguém que pratique abominações e mentiras, mas unicamente aqueles cujos nomes estão inscritos no livro da vida do Cordeiro.

Com o termo grego “ἡ πλατεῖα”⁴⁰ no v. 21b, o leitor tem seu olhar transferido, por uma grande atração, para a parte interna da Cidade escatológica, abrindo o terceiro traço citadino. A descrição deste espaço urbano situa a nova Jerusalém nos moldes urbanos do helenismo. E a imediata visão de João é já uma surpresa: não há Templo, no centro da Cidade. Aliás, não há nem lua, nem sol, nem lâmpada. Deus e o Cordeiro cumprem estas funções de Templo e luz (Ap 21,25; 22,5) São superadas as estruturas religiosas (templo); aquelas sociopolíticas (os Reis servirão como simples servos – 22,3-5); culturais e urbanas (lâmpadas ausentes, portas abertas de noite), até aquelas cósmicas (ausência de sol e lua, da noite e do dia). No dizer de Paulo, em 1 Cor 15,28, no mundo novo, Deus é ‘tudo em todos’ (ὁ θεὸς [τὰ] πάντα ἐν πᾶσιν.): ‘E, quando tudo lhe estiver sujeito, então também o próprio Filho renderá homenagem àquele que lhe sujeitou todas as coisas, a fim de que Deus seja tudo em todos.’

⁴⁰ Feminino de *Plátus* (πλατύς, εἶα), possui diversos significados: BAILLY, A. *Dictionnaire Grec-Français*. 26ª ed. Paris: Hachette, 1969, p. 1566: ‘**I.** Large et plat. **II.** ext. Large. **1.** De large dimension. **2.** répandue disséminé sur an large espace (...) en parlant de pâturage; **3.** largement ouverte. **III.** salé, âcre (...) en parlant d’eau’.

Com a expressão ‘τὰ ἔθνη’, os povos/nações, o autor-vidente designa os pagãos⁴¹. Nos capítulos anteriores os ‘ἔθνη’ designavam a totalidade dos redimidos (Ap 5,9: ἐκ πάσης φυλῆς καὶ γλώσσης καὶ λαοῦ καὶ ἔθνους) que cantarão a liturgia perene em torno do Trono de Deus. (7,9: Μετὰ ταῦτα εἶδον, καὶ ἰδοὺ ὄχλος πολὺς, ὃν ἀριθμῆσαι αὐτὸν οὐδεὶς ἐδύνατο, ἐκ παντὸς ἔθνους καὶ φυλῶν καὶ λαῶν καὶ γλωσσῶν ἐστῶτες ἐνώπιον τοῦ θρόνου καὶ ἐνώπιον τοῦ ἀρνίου περιβεβλημένους στολὰς λευκὰς καὶ φοῖνικες ἐν ταῖς χερσὶν αὐτῶν,).

Enquanto em 15,4 (ὅτι πάντα τὰ ἔθνη ἤξουσιν καὶ προσκυνήσουσιν ἐνώπιόν σου, ὅτι τὰ δικαιώματά σου ἐφανέρωθησαν.) são bem-vindos aí, somente os povos que reconhecem a Soberania de Deus. E, em 22,2 (ξύλον ζωῆς) são aqueles curados pela árvore da vida.

A Cidade Nova também será o palco da vitória da ‘inculturação’, pois todos os Povos e Reis da terra trarão a Jerusalém suas riquezas, dado que já foram purificadas pelo contato com o ‘Evangelho do Cordeiro’.

Os que foram barrados pelas portas abertas da Cidade escatológica, ao invés de representarem uma limitação à Salvação dos Povos, indicam assim, que os valores humanos estão em voga na cidade, estabelecendo que o esforço humano do Bem e da Verdade terão valor de passaporte neste âmbito da eternidade. Aliás, como se ouve bem em Mt 25.

2.3.5. Ap 22,1-5

¹Mostrou-me então o anjo um rio de água viva resplandecente como cristal de rocha, saindo do trono de Deus e do Cordeiro. ²No meio da avenida e às duas margens do rio, achava-se uma árvore da vida, que produz doze frutos, dando cada mês um fruto, servindo as folhas da árvore para curar as nações. ³Não haverá aí nada de execrável, mas nela estará o trono de Deus e do Cordeiro. Seus servos lhe prestarão um culto. ⁴Verão a sua face e o seu nome estará nas suas fronteiras. ⁵Já não haverá noite, nem se precisará da luz de lâmpada ou do sol, porque o Senhor Deus a iluminará, e hão de reinar pelos séculos dos séculos.

⁴¹ WENGST, K. “Babylon the Great and the New Jerusalem Visionary View of Political Reality in the Revelation of John.” In: VON REVENTLOW, H. *Politics and theopolitics in the Bible and Postbiblical Literature*. Sheffield: JSOT Press, 1994, pp. 189-202.

No quarto traço descritivo da Cidade escatológica o Anjo mostra a João o rio de água viva (ποταμὸν ὕδατος ζωῆς), que torna fecunda a vida por onde passa, e por fim a adoração e o reino dos servos pelos séculos sem fim.

O termo ‘rio de água viva’ é de cunho Joanino⁴². Mas, toda a imagem provém de Gn 2,10 (*Um rio saía do Éden para regar o jardim, e dividia-se em seguida em quatro braços*) e do Sl 45,5 (*Os braços de um rio alegram a cidade de Deus, o santuário do Altíssimo*), como também da visão de Ez 47,1-12, segundo o qual a água que jorra da entrada do templo se torna um rio e faz reviver o deserto de Judá e as águas salgadas do Mar Morto.

A imagem da árvore da vida no Ap não retoma aquela do Gn da árvore do bem e do mal. Ela é reelaborada a partir da noção de recompensa. A ação medicinal da árvore no centro da Cidade escatológica parece mais estreitamente inspirada na leitura ezequiana. A árvore é fonte de cura para os peregrinos escatológicos que se dirigem à Jerusalém eterna e nova.

E, por fim, o ângulo de visão do profeta e do leitor se volta para o centro da Cidade, o trono de Deus e do Cordeiro (ὁ θρόνος τοῦ θεοῦ καὶ τοῦ ἀρνίου), como no início das visões (Ap 4,2: *καὶ ἰδοὺ θρόνος ἔκειτο ἐν τῷ οὐρανῷ, καὶ ἐπὶ τὸν θρόνον καθήμενος,*).

E finalmente se verá o rosto de Deus (ὄψονται τὸ πρόσωπον αὐτοῦ).

De um lado, a ‘água viva’ que parte do trono de Deus, como no Evangelho de João 7, foi prometida aos fiéis, e agora está à disposição de todos os povos; do outro, a súplica do salmista se realiza no âmbito da nova Jerusalém: agora os servos verão sua Face, e cantarão louvores e reinarão ‘*ad aeternum*’ (εἰς τοὺς αἰῶνας τῶν αἰώνων)!

Considerações finais

Todo este quadro simbólico exercita uma irresistível retrovisão. A nova Jerusalém é para o autor do Apocalipse a revelação e a realização adequadas do ‘sonho’ criativo de Deus. É uma cidade em que superada a barreira que agora separa a Transcendência da Imanência; nela Deus, seu Cordeiro e a Humanidade e poderão conviver, amar e serem amados com o toque infinito do Amor de Deus. Uma Cidade na qual todas as promessas de Deus do Antigo Testamento se encontram realizadas para além de toda a imaginação. Uma

⁴² TAEGER, J.-W. *Johannesapokalypse und Johanneischer Kreis*. Berlin: W. de Gruyter, 1989.

Cidade da Profecia cristã!⁴³ Neste ponto, o leitor presente e percebe, a partir de dentro, que a nova Jerusalém é realmente sua cidade: vale a pena atravessar o vão da precariedade do sofrimento, da luta vibrante contra o mal, de vencer as tentações insidiosas de Babilônia espalhadas no arco da história para chegar até a Jerusalém Nova.

Um traço digno de nota na tradição escatológica joanina no Apocalipse, presente nestes capítulos conclusivos, é a *‘escatologia descendente’* (katábasis)⁴⁴.

Para o conjunto do Novo Testamento, a linguagem da realização escatológica realiza-se em linha ascensional: o Cristo é elevado (ou se eleva) à direita do Pai nos céus (Ef 1,20: *“Ele manifestou na pessoa de Cristo, ressuscitando-o dos mortos e fazendo-o sentar à sua direita no céu (...)”*); Hb 8,1: *“O ponto essencial do que acabamos de dizer é este: temos um Sumo Sacerdote, que está sentado à direita do trono da Majestade divina nos céus”*, entre outros.

Segundo o Novo Testamento, o Cristo ainda nos envolve na mesma glória celeste (Ef 2,6: *“juntamente com ele nos ressuscitou e nos fez assentar nos céus, com Cristo Jesus”*), pois a glória nos céus é a nossa esperança (Col 1,5: *“em vista da esperança que vos está reservada nos céus. Esperança que vos foi transmitida pela pregação da verdade do Evangelho”*), a nossa herança (1Pd 1,4: *“para uma herança incorruptível, incontaminável e imarcescível, reservada para vós nos céus”*), a nossa Pátria (Fil 3,20: *“Nós, porém, somos cidadãos dos céus. É de lá que ansiosamente esperamos o Salvador, o Senhor Jesus Cristo”*) e a nossa recompensa (Mt 5,12: *“Alegrai-vos e exultai, porque será grande a vossa recompensa nos céus, pois assim perseguiram os profetas que vieram antes de vós”*; Lc 6,23). Para o Apocalipse, ao contrário, a escatologia é dom que procede de Deus (21,2.10: *‘vinda de Deus (ἀπὸ τοῦ θεοῦ)’* *“καὶ ἀπήνεγκέν με ἐν πνεύματι ἐπὶ ὄρος μέγα καὶ ὑψηλόν, καὶ ἔδειξέν μοι τὴν πόλιν τὴν ἁγίαν Ἰερουσαλήμ καταβαίνουσαν ἐκ τοῦ οὐρανοῦ ἀπὸ τοῦ θεοῦ”*) que desce em nossa direção e se instala no mundo e na história humana⁴⁵.

⁴³ Muito acurada a clássica análise de AUNE, D. *Prophecy in Early Christianity and the Ancient Mediterranean World*. Michigan: Grands Rapids, 1991, pp. 274-288.

⁴⁴ BAILLY, A. *“Katábasis”*. In: BAILLY, A. *Dictionnaire de Grec-Français*. 26^a ed. Paris: Hachette, 1969, p. 1027.

⁴⁵ Segundo Strack - Billerbeck, diversos textos intertestamentários citam a descida de Jerusalém, em particular, 4 Esd 7,26; 13,36. STRACK, H. L. – BILLERBECK, P. *Kommentar zum Neuen Testament aus Talmud und Midrasch*. Vol. III. München: C.H. Beck, 1979, p. 796.

Este tipo de conclusão modifica aquela visão sobre o autor, ou sobre a tradição joanina, como desinteressada pela história e pelo seu entorno social. A Escatologia da Escola Joanina, enquanto teologia da história, mostra-se em sintonia com o realismo da Fé cristã, aliás, em sintonia com a descida do Verbo, segundo a Escatologia do Evangelho de São João.⁴⁶

Outro aspecto relevante sobre a configuração de Jerusalém, no plano soteriológico da tradição joanina no Apocalipse (21,9–22,5), oriunda de uma leitura ‘política’ da escatologia, provém da representação de Jerusalém Nova, como ‘Cidade Aberta’⁴⁷. Este conceito implica numa visão da cidade como estrutura solidária para além do estreito conceito de abrigo ou de espaço reservado a um grupo determinado. “*Eis aqui o tabernáculo de Deus com os homens. Habitará com eles e serão o seus povos, e Deus mesmo estará com eles*” (21, 3).

Finalmente a Aliança se estende sem limites impositivos ou restrições, em um horizonte universal. Se no AT as promessas da Aliança se referem a um único povo (Jer 7,23; 30,22; Os 2,23), no Apocalipse, ao contrário, segundo o texto de Ap 21,3b ocorre uma universalização. E a diferença está no sujeito plural atribuído como portador da Aliança, são povos: “*καὶ αὐτοὶ λαοὶ αὐτοῦ ἔσονται*”. E estes serão os seus povos! ‘*Lectio difficilior*’ esta leitura plural!⁴⁸

A profecia do Apocalipse parte da noção de Aliança exclusiva com Israel, para portar a boa nova cristã da Universalidade da Salvação.⁴⁹ O dom inédito da

⁴⁶ Sobre uma leitura ‘Política’ da Tradição Joanina: PRETE, B. “Il ‘Cosmo’ nei Dati del Quarto Vangelo”. In: DE GENNARO, G. (ed.). *Il Cosmo nella Bibbia*. Napoli: Edizioni Dehoniane, 1980, pp. 303-350, e no Apocalipse: BEDRIÑÁN, C. “Contro quelli che rovinarono la Terra”. In: BOSETTI, E.; COLACRAI, A. *Apokalypsis. Percorsi nell’Apocalisse di Giovanni*. Assisi: Cittadella, 2005, pp. 597-620. Ainda sobre as características da Escatologia no Quarto Evangelho: CASALEGNO, A. “Tempo e Momento Escatológico nel Vangelo di Giovanni”. In: CASALEGNO, A. *Tempo Ed Eternità. In Dialogo com Ugo Vanni sj*. Milano: San Paolo, 2002, pp. 165-194.

⁴⁷ É evidente a relação que se estabelece entre o Livro do Apocalipse e a sétima arte, numa referência a Rossellini: TAGLIABUE, C. “Apocalisse e Cinema. Per una Storia senza fine”. In: BOSETTI, E.; COLACRAI, A. *Apokalypsis. Percorsi nell’Apocalisse di Giovanni*. Assisi: Cittadella, 2005, pp. 821-840.

⁴⁸ Sobre a leitura de ‘*λαοὶ*’ existem diversas visões sobre a escolha do termo plural, contrário à tradição singular no AT. CHARLES, R. H. *A Critical and Exegetical Commentary on The Revelation of St. John*. 2 Vols. Edinburg: T. & T. Clark, 1971, p. 207; SWEET, J. *Revelation*, p. 298; OSBORNE, G. R. *Revelation*, p. 734. BIGUZZI, Apocalisse, pp. 362-363; MOLINA, F. C. *La Nuova Gerusalemme, Città Aperta*, p. 624.

⁴⁹ GUNDRY, R. H. “‘The New Jerusalem’; People as place, not Palce for People”. *NT 29*

Ressurreição de Cristo garante a todos os Povos, de fato e de direito, espaço no futuro da Salvação. Portanto, a tradição Joanina relê, à luz dos eventos pascais de Cristo, a hermenêutica soteriológica dos Profetas veterotestamentários. No v. 4 se lê: “*Enxugará toda lágrima de seus olhos e já não haverá morte, nem luto, nem grito, nem dor, porque passou a primeira condição.*”

A condição existência se modifica no âmbito da visão apocalíptica: não existe mais a morte (20,4) e nem sofrimento. O autor da tradição apocalíptica neotestamentária se apoia em Isaías para depois inverter esta perspectiva isaiana de 27,7-8: “*e fará desaparecer a morte para sempre. O Senhor Deus enxugará as lágrimas de todas as faces e tirará de toda a terra o opróbrio que pesa sobre o seu povo, porque o Senhor o disse*”. Na lógica do Profeta Isaías, todos os povos comerão juntos e então poderão ‘ver o Rosto de Deus’, pois o véu cairá (“*Nesse monte tirará o véu que vela todos os povos, a cortina que recobre todas as nações*”).⁵⁰

Para o Apocalipse, ao contrário, é sobre o princípio de visibilidade Divina que torna eficaz a consequência: fim do luto, da morte e da tristeza (*καὶ ὁ θάνατος οὐκ ἔσται*). Segundo Rissi⁵¹, trata-se do futuro do Mundo, aquilo que descreve simbolicamente a Cidade de Jerusalém, no exórdio do Livro do Apocalipse: Cidade de Portas Abertas. Na visão de Molina as doze portas (*ἔχουσα πυλῶνας δώδεκα*) simbolizam o ingresso livre e sem restrições na Cidade Nova. A Cidade de Jerusalém é uma cidade entregue aos peregrinos. Nela entrarão todos os Povos da terra, aqueles que têm seus nomes escritos no livro da Vida do Cordeiro (Ap 21,27: οἱ γεγραμμένοι ἐν τῷ βιβλίῳ τῆς ζωῆς τοῦ ἀρνίου.).

Cristo permanece o critério salvífico universal segundo a Cristologia do Apocalipse. Isto é, somente uma cidade com desmesura e abertura incomensurável, baseada na tradição da História da Salvação, dos Patriarcas à Cristo (Doze Tribos e os Doze Apóstolos) pode garantir o ingresso inaudito de uma imensa multidão, que se dirige a ela em peregrinação universal e aí é hospedada⁵².

(1987), pp. 254-264; STANLEY, J. E. “The New Creation as a People and City I Revelation 21:1-22,5. An Alternative Despair”. *The Asbury Theological Journal* 60 (2005), pp. 26-40.

⁵⁰ SCHÖKEL, L. A.; SICRE DIAZ, J. L. *I Profeti*, p. 330.

⁵¹ RISSI, M. *Die Zukunft der Welt, eine exegetische Studie :über Johannesoffenbarung 19,11-22,15*. Freiburg: Herder, 1965.

⁵² VANNI, U. “La dimension christologique de la Jersuale Nouvelle”. *RHPR* 79/1 (1999), pp. 119-133.

O Cordeiro, Mestre e Protagonista da História da Salvação, após o combate com as potências do Mal, obtém para a Humanidade peregrina o status de hospedagem ilimitada na Cidade-Esposa. A Jerusalém Nova, dom de Deus que desceu do céu, abrigará a todos!

Referências bibliográficas

- ALLO, E.-B. *Saint Jean. L'Apocalypse*. Paris: Gabalda, 1921.
- AUNE, D. *Prophecy in Early Christianity and the Ancient Mediterranean World*. Michigan: Grands Rapids, 1991, pp. 274-288.
- AYUCH, D. “La instauración del Trono em siete septnarios: La macro-narrativa y su estructura em el Apocalipsis de Juan”. *Biblica* 85 (2004), pp. 255-263.
- BAILLY, A. *Dictionnaire de Grec-Français*. 26^a ed. Paris: Hachette, 1969.
- BAUER, W. *A Greek-English Lexicon*. 2^a ed. Chicago/London: University of Chicago, 1979.
- BEALE, G. K. *The Book of Revelation*. NIGTC. Michigan/Cambridge: Grand Rapids / W. Eerdmans, 1999.
- BEDRIÑÁN, C. “Contro quelli che rovinarono la Terra”. In: BOSETTI, E.; COLACRAI, A. *Apokalypsis. Percorsi nell'Apocalisse di Giovanni*. Assisi: Cittadella, 2005, pp. 597-620.
- BERGERMEIER, R. “Jerusalem, du hochgebaute Stadt”. *ZNW* 75 (1984), pp. 86-106.
- BIGUZZI, G. *Apocalisse*. 3^a ed. Milano: Paoline, 2013.
- BIGUZZI, G. “In cerca di punti condivisibili per l'interpretazione dell'Apocalisse”. In: ALETTI, J.-N.; SKA, J. L. (eds.). *Biblical Exegesis in Progress. Old and New testament Essays*. Roma: Editrice del Pontificio Istituto Biblico, 2009, pp. 501-528.
- BOGAERT, P.-M. “Les Apocalypses contemporaines de Baruch, Esdras et Jean”. In: LAMBRECHT, J. “L'Apocalypse johannique et l'Apocalyp-tique dans le Nouveau Testament”. *BETHEL* 53 (1979), pp. 47-68.
- BÖCHER, O. ‘Zur Bedeutung der Edelsteine in Offb 21’, dans *Kirche und Bibel: Festgabe für Bischof Eduard Schick*, Paderborn, Munich, Vienne, Zürich: Ferdinand Schöningh, 1979, pp. 19-32.

- BONSIRVEN, J. *L'Apocalypse de Saint Jean*. Paris: Gabalda, 1951.
- BOSETTI, E.; COLACRAI, A. *Apokalypsis. Percorsi nell'Apocalisse di Giovanni*. Assisi: Cittadella, 2005.
- BRATCHER, R.G. "Glory in relation to Jesus". *BibTrans* 42 (1991), pp. 401-408.
- BRÜTSCH, Ch. *La Clarté de l'Apocalypse*. Génève: Fides et Labor, 1966.
- BRÜTSCH, Ch. *Die Offenbarung Jesu Christ: Johannes-Apokalypse*. 2ª Ed. Zürich: Zwingli Verlag 1970.
- CAIRD, G. B. *A Commentary on the Revelation of St. John the Divine* (Harper's New Testament commentaries). New York: Harper, 1966.
- CASALEGNO, A. *Tempo Ed Eternità. In Dialogo com Ugo Vanni sj*. Milano: San Paolo, 2002.
- CHARLES, R. H. *A Critical and Exegetical Commentary on The Revelation of St. John*. 2 Vols. Edinburg: T. & T. Clark, 1971.
- DANIELOU, J. "L'Apocalyptique Judéo-chrétienne". In: DANIELOU, J. *Theologie du Judéo-Christianisme*. 10ª ed. Paris: Desclée/Cerf, 1991, pp. 165-199.
- DOGLIO, C. *I Primogenito dei Morti. La Resurrezione di Cristo e dei cristiani nell'Apocalisse di Giovanni*. Bologna: Edizioni Dehoniane Bologna, 2005.
- FEDOU, M. *La Sagesse et le Monde. Le Christ d'Origène*. Paris: Desclée, 1994.
- FEKKES, J. *Isaiah and Prophetic Tradition in the Books of Revelation*. *JSnT Supp.Series* 93 (1994), Sheffield.
- FORD, J. M. "L'Anticristo e la Nuova Gersusalemme negli Scritti di Gicchino dei Fiori". In: BOSETTI, E.; COLACRAI, A. *Apokalypsis. Percorsi nell'Apocalisse di Giovanni*. Assisi: Cittadella, 2005, pp. 735-752.
- FRANCO, P. "La Nouvelle Jérusalem. Etudes Intertextuelle d'Apocalypse 21, 12-21". Disponível em: <<http://www.archivesadventistes.net/EN/BAV/MEM/NouvelleJerusalem>>. Acesso em 21 de setembro de 2015.
- GUNDRY, R. H. "The New Jerusalem; People as place, not Place for People". *NT* 29 (1987), pp. 254-264.

- GUNKEL, H. *Einleitung in die Psalmen. Die Gattugen der religiösen Lyrik Israels*. Göttingen: Vandenhoeck-Ruprecht, 1933, pp. 309-311.
- HILL, D. “Prophecy and Prophets in the Revelation of St. John”. *NTS 18* (1971/2), pp. 401-418.
- HOCK, A. “From Babel to the New Jerusalem (Gen 11,1-9 and Rev 21,1-22,5)”. *Biblica 89* (2008), pp. 109-118.
- LABAHN, M. “The book of Revelation an early Christian ‘Search for Meaning’ in critical conversation with its Jewish heritage and Hellenistic-Roman society”. Disponível em: <http://www.indieskriflig.org.za/index.php/skriflig/article/view/1833/2922#AF0001_1833>. Acesso em 10 de setembro de 2015.
- LOHMEYER, E. *Die Offenbarung des Johannes*. Tübingen: J. C. B. Mohr (Paul Siebeck), 1953.
- KRAUS, H.-J. *Theologie der Psalmen*. Neukirchen: Neukirchener Verlag, 1979.
- KRAYBILL, J. N. *Culto e Comércio Imperiais no Apocalipse de João*. São Paulo: Paulinas, 2004.
- MARAFIOTTI, D. “La Storia tra il Tempo e l’eternità. Il Contesto del “De Civitate Dei” di Sant’Agostino”. In: CASALEGNO, A. *Tempo Ed Eternità. In Dialogo com Ugo Vanni sj*. Milano: San Paolo, 2002, pp. 217-234.
- MOLINA, F. C. “La Nuova Gerusalemme, Città Aperta”. In: BOSETTI, E.; COLACRAI, A. *Apokalypsis. Percorsi nell’Apocalisse di Giovanni*. Assisi: Cittadella, 2005, pp. 621-648.
- NA’AMAN, N. “Biblical and Historical Jerusalem in Tenth and Fifth-Fourth Centuries BCE”. *Biblica 93* (2012), pp. 21-43.
- NOORT, E. “The Traditions of Ebal end Gerizim: Theological Positions in the Book of Joshua”. In: VERVENNE, M. e LUST, J. (Ed.). *Deuteronomy and Deuteronomic Literature*. Louvain: BETHEL 83, 1997, pp. 161-180.
- OSBORNE, G. R. *Revelation*. Grands Rapids: Baker Academic, 2002.
- PAULIEN, J. *The Role of the Hebrew Cultus, Sanctuary and Temple of God in the Book Revelation*. *BS* (2009), pp. 446-462.

- PISANO, O. “‘E abiterà com Loro’ (Ap 21,3). La Gerusalemme Nuova e la SHEKINAH”. In: BOSETTI, E.; COLACRAI, A. *Apokalypsis. Percorsi nell’Apocalisse di Giovanni*. Assisi: Cittadella, 2005, pp. 183-202.
- PRETE, B. “Il ‘Cosmo’ nei Dati del Quarto Vangelo”. In: DE GENNARO, G. (ed.). *Il Cosmo nella Bibbia*. Napoli: Edizioni Dehoniane, 1980, pp. 303-350.
- RAVASI, G. F. *Il Cantico dei Cantici*. Bologna: EDB, 1992.
- RISSI, M. *Die Zukunft der Welt, eine exegetische Studie: über Johannesoffenbarung 19,11-22,15*. Freiburg: Herder, 1965.
- ROLOFF, J. “Die Gemeinschaft der Freunde Jesu: Die johanneischen Schrift-en”. In: ROLOFF, J. *Die Kirche im Neuen Testament*. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1992, pp. 290-209.
- ROMERO-POSE, E. “Los Ángeles de las Iglesias” (Exegesis de Ticonio al Apoc. I, 20,22). *Augustinianum* 35 (1995), pp. 119-136.
- ROSSING, B. R. “The Choise between two Cities, Whore, and Empire in the Apocalypse. Harrisburg: Trinity Express”, 1999. Disponível em: <http://www.afferit.com/pdfs/2002/01/02_01_br.pdf>. Acesso em 19 de setembro de 2015.
- ROWLEY, H. H. *A Importância da Literatura apocalíptica*. São Paulo: Paulinas, 1980.
- SANTOS, P. P. A. *Apocalipse: Do Espírito da Verdade ao Espírito da Profecia*. São Paulo: Reflexão, 2015.
- SANTOS, P. P. A. *As Fontes Literárias do termo “tó pneûma tés prophetéias” (Ap 19,10)*. *Atualidade Teológica* (2011), pp. 475-490.
- SANTOS, P. P. A. “De Civitate Dei: História e Eschatologia em Santo Agostinho. Poder e Religião no Cristianismo Latino e (Proto-)Medieval”. *Principia* 16 (2008), pp. 19-34.
- SANTOS, P. P. A. “O Movimento Joanino e o Papel do Espírito da Verdade na Compreensão de Ap 19,9-10”. *Atualidade Teológica* 34 (2010), pp. 77-100.
- SATAKE, A. *Die Gemeindeordnung in der Johannesapokalypse*. Neukirchen: Labor et Fides, 1966.
- SEMBRANO, L. “Gerusalemme: Città-Sposa. L’Inesauribile Forza di um

- Simbolo di Eternità”. In: CASALEGNO, A. *Tempo Ed Eternità. In Dialogo con Ugo Vanni sj.* Milano: San Paolo, 2002, pp. 129-140.
- STANLEY, J. E. “The New Creation as a People and City I Revelation 21:1-22,5. An Alternative Despair”. *The Asbury Theological Journal* 60 (2005), pp. 26-40.
- SCHÖKEL, L. A.; SICRE DIAZ, J. L. *I Profeti.* Roma: Borla, 1989.
- SPATAFORA, A. “Il Tempio nell’Apocalisse”. In: BOSETTI, E.; COLACRAI, A. *Apokalypsis. Percorsi nell’Apocalisse di Giovanni.* Assisi: Cittadella, 2005, pp. 535-558.
- STRACK, H. L. – BILLERBECK, P. *Kommentar zum Neuen Testament aus Talmud und Midrasch.* Vol. III. München: C.H. Beck, 1979, p. 796.
- SWEET, J. *Revelation.* London: SCM and Philadelphia / Trinity Press International, 1990.
- TAEGER, J.-W. *Johannesapokalypse und Johanneischer Kreis.* Berlin: W. de Gruyter, 1989.
- TAGLIABUE, C. “Apocalisse e Cinema. Per una Storia senza fine”. In: BOSETTI, E.; COLACRAI, A. *Apokalypsis. Percorsi nell’Apocalisse di Giovanni.* Assisi: Cittadella, 2005, pp. 821-840.
- VANNI, U. *Apocalisse.* Bologna: EDB, 1991.
- VANNI, U. VANNI, U. *Apocalisse - 2° Insetto - La nuova Gerusalemme.* Disponível em: <http://www.parcchiadiformigine.it/gm/l_apocalisse/skp_02.pdf>. Acesso em 20 de setembro de 2015.
- VANNI, U. “Il Cosmo nell’Apocalisse: Fenomenologia dell’incrocio di due culture: Dal Primo Mondo al Mondo Escatologico”. In: DE GENNARO, G. (ed.). *Il Cosmo nella Bibbia.* Napoli: Edizioni Dehoniane, 1980, pp. 495-526.
- VANNI, U. “La Dimension christologique de Jérusalem nouvelle”. *RHPPhR* 79 (1999), pp. 119-133.
- VANNI, U. “Linguaggio, Simbolo ed esperienza mística nel libro dell’Apocalisse”. *Gregorianum* 79/1 (1998), pp. 5-28.
- VANNI, U. “L’Apocalisse. Breve Introduzione”. Disponível em: <http://www.xaverianas.com/images/pagine_bibliche/ApIntroduzione.pdf>. Acesso em 10 de agosto de 2015.

VERVENNE, M. e LUST, J. (Ed.). *Deuteronomy and Deuteronomical Literature*. Louvain: BETHEL 83, 1997.

WENGST, K. “Babylon the Great and the New Jerusalem Visionary View of Political Reality in the Revelation of John.” In: VON REVENTLOW, H. *Politics and theopolitics in the Bible and Postbiblical Literature*. Sheffield: JSOT Press, 1994, pp. 189-202.

Pedro Paulo Alves dos Santos

Doutor em Teologia Bíblica pela Pontifícia Universidade Gregoriana (Roma)

Doutor em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

Professor de Letras no Centro Universitário Unicarioca

Rio de Janeiro / RJ – Brasil

E-mail: pedosantos@gmail.com

Recebido em: 15/10/15

Aprovado em: 06/03/16